

Características do uso de fármacos sem prescrição por graduandos em Enfermagem

Characteristics of drug use without prescription in undergraduate Nursing students

¹ Cristiane Gorgati Guidoreni crisguidoreni@gmail.com

² Mariana Emília da Silveira Bittencourt

³ Naiara de Almeida Pires

¹ Docente dos cursos de Medicina, Nutrição e Enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda, UniFOA.

² Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda, UniFOA.

³ Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda, UniFOA.

RESUMO

Automedicação é a iniciativa de selecionar e utilizar medicamentos para tratar sintomas e patologias autodiagnosticadas, ato que deve ser entendido como um dos elementos do autocuidado. Objetivamos abordar a automedicação com acadêmicos de enfermagem, e avaliar a incidência e características dessa prática. Como metodologia, adotamos a pesquisa de campo, descritiva e exploratória, com abordagem quantitativa, e como instrumento para a coleta de dados utilizamos um questionário aplicado aos graduandos do 1º ao 10º períodos do curso de enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA. Foram analisados os dados de 155 alunos, em que 141 confirmaram se automedicarem, 90,32% acreditam que essa ação mascara sintomas de doenças e, dos mais variados fármacos, os Anti-inflamatórios não esteroides obtiveram maior índice de uso. Concluímos que é de grande preocupação a taxa elevada de graduandos que se automedicam e deve ser reforçada em universidades a importância do conhecimento e consciência dos riscos que essa prática oferece.

PALAVRAS-CHAVE

Farmacoepidemiologia, automedicação, enfermagem, graduação.

ABSTRACT

self-medication is the initiative to select and use drugs to treat symptoms and self-diagnose pathologies, act that must be understood as one of self-care elements. We aim to address self-medication with nursing students, and assess the incidence and characteristics of this practice. The methodology adopted was field research, descriptive and exploratory, with a quantitative approach, and as a tool for data collection we used a questionnaire to be answered by undergraduate students from 1st to 10th periods of the nursing program of the Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA. Data from 155 students were analyzed, where 141 confirmed self-medicating, 90.32% believe that this action masks symptoms of disease, and Nonsteroidal anti-inflammatory drug had higher use rate. We conclude that the high rate of graduates who self-medicate is reason for great concern and universities should strengthen the importance of knowledge and awareness of the risks that this practice offers.

KEYWORDS

Pharmacoepidemiology, self-medication, nursing, graduation.

Como você deve citar?

GUIDORENI, Cristiane Gorgati; BITTENCOURT, Mariana Emília da Silveira; PIRES, Naiara de Almeida. *Características do uso de fármacos sem prescrição por graduandos em Enfermagem*. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. 29, p. 129-136, dez. 2015.

1 INTRODUÇÃO

A automedicação é a iniciativa que as pessoas têm de selecionar e utilizar medicamentos para tratar sintomas e patologias autodiagnosticadas, ato que deve ser entendido como um dos elementos do autocuidado. Define-se como automedicação responsável a prática pela qual os indivíduos tratam de seus sintomas e complicações de saúde com medicamentos aprovados e disponíveis para serem adquiridos como indicado (SANTOS, 2012 *apud* OMS, 2003).

O uso indiscriminado de medicamentos tem como consequência efeitos indesejáveis, complicações, enfermidades e iatrogenias, mascaramento de doenças evolutivas, representando portando problemas a serem prevenidos. O risco dessa prática evidentemente se correlaciona com o grau de instrução e informação do usuário sobre medicamentos. A qualidade da oferta de medicamentos e a eficiência do trabalho dos que controlam de várias maneiras esse mercado também exercem papel de grande relevância nos riscos implícitos na automedicação (ARRAIAS e cols,1997).

Esses problemas podem ser amenizados se a equipe multidisciplinar da saúde estiver apta a compartilhar deste conhecimento com os indivíduos que não têm a profunda informação das consequências adquiridas com esse ato, assim ressaltando a importância do enfermeiro estar preparado para realizar a educação em saúde onde quer que se encontre.

A dificuldade ao acesso aos serviços de saúde pode ocasionar uma procura por formas alternativas de tratamento de determinados sintomas momentaneamente, ampliando a incidência da automedicação e contribuindo para o aumento da crise do Sistema Único de Saúde, fato que contribui para que novos estudos sobre automedicação sejam realizados atualmente (ASCARI, e cols., 2014).

Vários trabalhos demonstram que esta prática é muito comum (DAMASCENO e cols., 2007; MUSSOLIN e cols., 2004; PENNA e cols., 2011; NARLOCH e cols., 2004), em idosos pode chegar a 80% (CASCAES e cols., 2008) e na população em geral a 46% (LOYOLA e cols, 2002). Em trabalhos realizados com estudantes estes valores foram superiores a 70% (DAMASCENO e cols., 2007; PENNA e cols., 2011). Mesmo que muitas vezes esta prática possa ter resultados favoráveis como melhoria de sintomas ou resolução do problema de saúde, outras vezes pode trazer prejuízos à saúde do indivíduo, como mascaramento dos problemas de saúde, intoxicação, reações adversas, interações medicamentosas, desenvolvimento de resistência entre outros (ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, 2001; OGAWA e cols., 2011).

Segundo Tomasi (2007), o risco dessa prática está correlacionado com o grau de instrução e informação dos usuários sobre medicamentos, bem como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde.

Dessa forma, traçamos como objetivos específicos identificar o número de alunos graduandos de enfermagem que utilizam a automedicação e as características dessa prática.

2 MÉTODOS E TÉCNICAS

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa, realizado no Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA entre os acadêmicos de enfermagem no primeiro semestre de 2015.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário composto por 9 questões sobre a prática da automedicação em sua rotina.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do UniFOA (CAAE: 44519715.0.0000.5237). A pesquisa foi desenvolvida mediante esclarecimentos gerais aos participantes e após estes assinarem o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Foram utilizados como critério de inclusão os discentes do curso de enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda-RJ, que aceitaram participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e que estivessem cursando entre o 1º ao 10º período do curso de graduação em Enfermagem. A coleta de dados ocorreu no mês de maio de 2015.

A análise estatística dos dados foi realizada com o auxílio do software Excel para a tabulação e construção dos gráficos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, 155 (67,10%) dos 231 graduandos matriculados no curso de enfermagem participaram da pesquisa. O período com maior participação foi o 3º, com 84,38% da turma, e o com menor participação foi o 7º, onde apenas 36,00% dos alunos participaram (tabela 1).

Tabela 1 - Porcentagem de alunos participantes da pesquisa.

Período	Total de alunos do período	Alunos participantes	% do total
1	57	44	77,19%
3	32	27	84,38%
4	21	10	47,62%
5	18	14	77,78%
6	11	8	72,73%
7	25	9	36,00%
8	17	12	70,59%
9	27	14	51,85%
10	23	17	73,91%
	231	155	

Fonte: Questionário semiestruturado.

A maioria da amostra era do sexo feminino (85,4%), sendo que 1,29% (2 pessoas) não responderam quanto ao sexo.

Apenas 8,39% dos alunos afirmaram não ter feito uso de medicação sem prescrição médica, 1 aluno não respondeu a esta questão e 141 dos 155 graduandos disseram já ter utilizado fármacos sem prescrição (Figura 1).

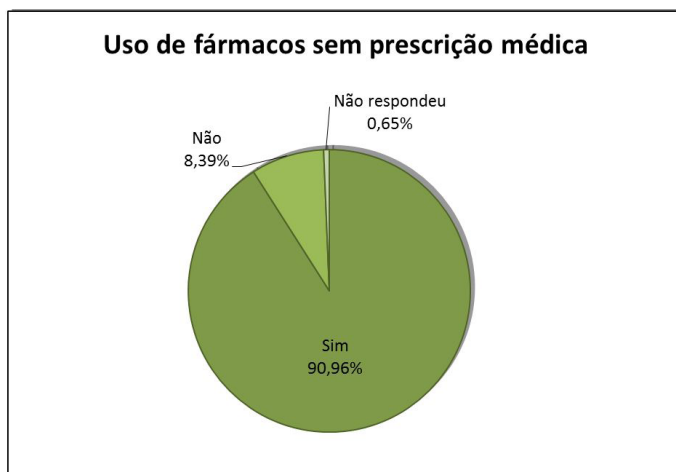
Diversos estudos mostram a alta taxa de automedicação entre estudantes de enfermagem, variando entre 72,0% e 91,2% (Santos B. e cols, 2012; Holthausen CN e cols, 2001; Souza LAF e cols, 2011; Silva FM e cols, 2014; Lopes, W. F. L. e cols, 2014). Nossos resultados demonstram que os alunos da graduação em enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda, encontram-se dentro dessa faixa, com 90,96% de incidência de automedicação.

Santos B. e colaboradores (2012) relataram encontrar discrepâncias entre a proporção de alunos que afirmaram fazer uso de automedicação e aqueles que citaram fármacos utilizados sem prescrição médica. Tal resultado também foi encontrado entre nossos alunos, enquanto 90,96% dos alunos afirmaram já ter feito uso de automedicação, 97,41% de todos os alunos pesquisados citaram ao menos um fármaco de que já fizeram uso sem prescrição médica. Dos 13 alunos que afirmaram não ter praticado automedicação, 9 entraram em contradição, citando fármacos utilizados.

Os resultados demonstraram também que a grande maioria desses alunos (90,32%) acredita que o uso desses fármacos pode mascarar os sintomas da doença. Tal resultado demonstra que o conhecimento sobre alguns dos malefícios da automedicação não parece inibir a prática, uma vez que mesmo tendo declarado conhecer este efeito, os alunos fazem uso de medicamentos sem prescrição médica.

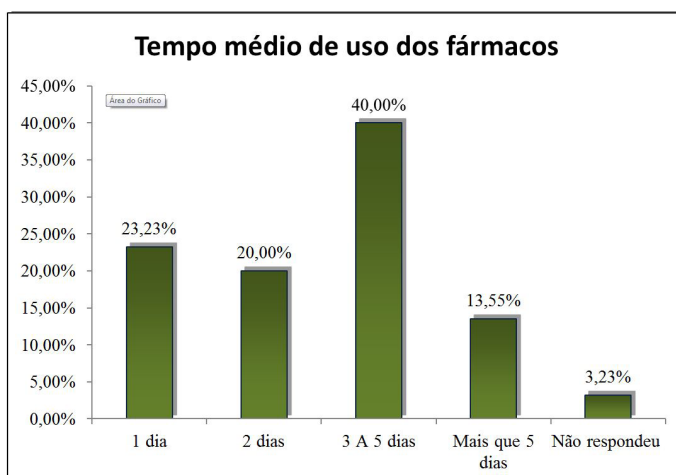
Quanto ao tempo de uso dos fármacos, 23,23% dos alunos disseram utilizá-los em média por 1 dia, 20,0% por até dois dias e 40,0% por 3 a 5 dias (Figura 2). Vale destacar que dentre os alunos que afirmaram utilizar tais fármacos por mais que 5 dias, 2 disseram fazer uso dos mesmos todos os dias, e 1, por meses.

Figura 1 - Porcentagem de alunos que afirmaram já ter feito uso de fármacos sem prescrição médica.



Fonte: dos autores.

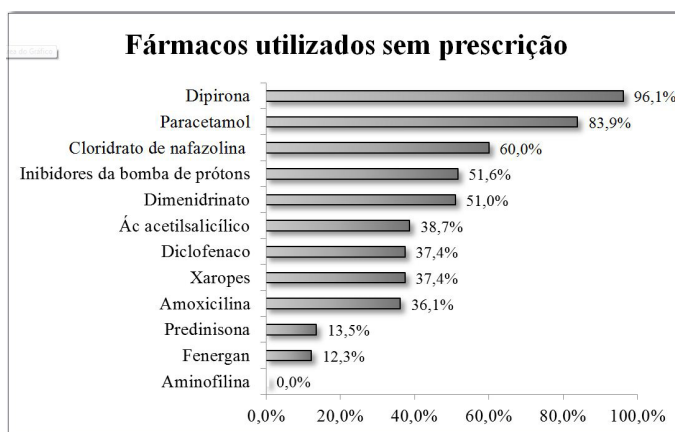
Figura 2 – Porcentagem de alunos segundo o tempo médio de uso dos fármacos.



Fonte: dos autores.

A pesquisa buscou avaliar também quais os principais fármacos utilizados sem prescrição médica pelos alunos. A figura 3 mostra que dentre os fármacos mais utilizados, os anti-inflamatórios não esteroides (AINES) são os mais presentes: 96,1% dos alunos afirmaram já ter feito uso de dipirona, 83,9% utilizaram paracetamol, 38,7% disseram já ter usado ácido acetil salicílico e 37,4% diclofenaco ácido sem prescrição. Dentre os demais fármacos citados, o cloridrato de nafazolina ou outros descongestionantes nasais somaram 60,0% dos alunos. Mais da metade dos alunos afirmaram já ter usado inibidores da bomba de prótons (51,6%) e dimenidrinato (51,0%).

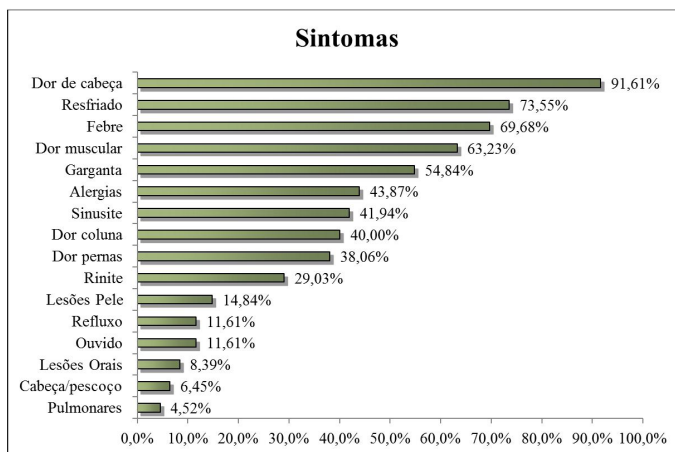
Figura 3 - Fármacos utilizados sem prescrição médica.



Fonte: dos autores.

Quando juntamos os alunos que responderam já ter feito uso de algum dos AINES, vimos que apenas 4 alunos afirmaram não ter utilizado esses fármacos, ou seja, 96,12% dos graduandos já fizeram uso de AINES sem prescrição médica. Outros dados que chamam a atenção são a incidência do uso de inibidores da bomba de prótons (51,61%) e o fato de que mais de um terço dos graduandos (36,1%) já fizeram uso de amoxicilina sem prescrição médica. Dentre os sintomas que levaram os graduandos a fazer uso desses medicamentos, os mais citados foram a dor de cabeça (91,6%), resfriado (73,5%), febre (69,7%) e dor muscular (63,2%) (Figura 4).

Figura 4 - Sintomas citados como causa da busca pela automedicação.



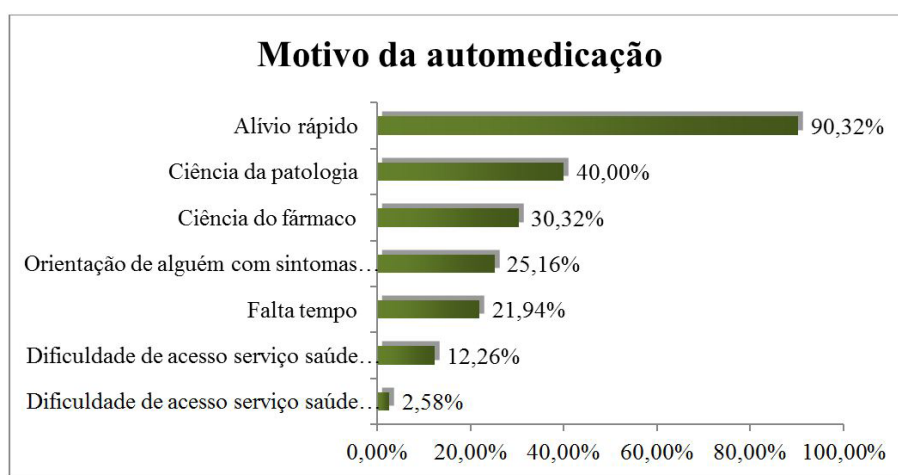
Fonte: dos autores.

Quando questionados sobre os possíveis motivos pelo qual fizeram uso de medicamentos sem prescrição, a razão mais citada foi a busca do alívio rápido dos sintomas (90,32%). Causas como a dificuldade de acesso ao serviço público de saúde ou mesmo ao particular foram pouco frequentes, 12,26% e 2,58% respectivamente. A segunda causa mais citada foi o conhecimento sobre a patologia, com 40,0% dos graduandos (Figura 5). Confirmando os resultados obtidos no presente trabalho, alguns estudos mostram que o tratamento da cefaleia é feito principalmente com analgésicos e que a automedicação é bastante comum nestes casos. (OLIVEIRA & PELÓGIA, 2011).

Durante a faculdade, o graduando passa por situações de estresse e sobrecarga que podem acarretar em dores que justificariam o alto consumo de analgésicos, anti-inflamatórios e miorrelaxantes, porém estudos demonstram que estes medicamentos são muito consumidos, não só em casos de estresse ou cansativa jornada de aulas. É sabido que as classes terapêuticas mais utilizadas em crianças, por exemplo, são antiinflamatórios não esteroidais, analgésicos e antibióticos (PFAFFENBACH, 2010; MEDEIROS, PEREIRA, MEDEIROS, 2011).

O alto consumo de analgésicos, devido à cefaleia, gripes, entre outros, pode levar a efeitos adversos tais como desconforto gástrico, úlceras e gastrites (GELLER et. al, 2012; UFGS, 2002).

Figura 5 - Motivos pelos quais os graduandos utilizam medicamentos sem prescrição médica.



Fonte: dos autores.

Apesar disso, quando foi questionado a esses alunos se já tinham tido reações adversas ao uso desses medicamentos, apenas 12,26% afirmaram já ter tido algum tipo de reação adversa. A baixa ocorrência desses efeitos adversos pode contribuir para a alta taxa de automedicação, uma vez que os alunos se sentem ilusoriamente seguros com o uso.

4 CONCLUSÃO

Com os dados adquiridos com essa pesquisa podemos concluir que 90,97%, dos graduandos afirmaram já ter feito uso de fármacos sem prescrição. Os resultados foram bem elevados, o que é preocupante, uma vez que se trata de graduandos de enfermagem, profissionais que devem visar à segurança do paciente, o que se aplica integralmente à atuação destes no que se refere à terapêutica medicamentosa. Outro resultado que nos leva a refletir sobre o nível de conhecimento dos graduandos é o de apenas quatro discentes afirmarem não ter utilizado AINES sem prescrição, uma vez que esses fármacos agem como inibidores da síntese de prostaglandinas causando diversos prejuízos a saúde como gastrites e problemas na coagulação sanguínea (GELLER e cols, 2012).

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, P. S. D. et al. **Perfil da automedicação no Brasil**. Rev. saúde pública, v. 31, n. 1, p. 71-7, 1997.
- ASCARI, R. A. et al. "Estratégia saúde da família: automedicação entre os usuários." *UNINGÁ Review* 18.2 (2014). Associação Médica Brasileira. Automedicação. *RevAssocMedBras* ; 47(4):269-270; 2001.
- CASCAES, A. E.; FALCHETTI, M. L.; GALATO, D. **Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil**. *Arq Cat Med* ; 37(1):63-39; 2008.
- CASTRO, L. L. C. **Pharmacoepidemiology in Brazil: evolution and prospects**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 4, n. 2, p. 405-410, 1999.
- DAMASCENO, D. D. et al. **Automedicação entre graduandos de enfermagem, farmácia e odontologia da Universidade Federal de Alfenas**. *Reme Rev Min Enferm* ; 11(1):48-52; 2007.
- GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B.; **Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação**. *Ciênc. saúde coletiva*[online]., vol.17, n.12, pp. 3323-3330. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012001200017>; 2012.
- GELLER, M.; KRYMCHANTOWSKI, A. V.; STEINBRUCH, M.; CUNHA, K. S.; RIBEIRO, M. G.; OLIVEIRA, L.; OZERI, D.; DAHER, J. P. L. **Utilização do diclofenaco na prática clínica: revisão das evidências terapêuticas e ações farmacológicas**. *RevBrasClin Med.*, São Paulo, v.10, n. 1, pg. 29-38, jan./fev., 2012.
- HOLTHAUSEN C.N., ALDEMAN J., BORGES J.N., MATTAR S.B., MIGUEL M.D. **Automedicação e os acadêmicos da área da saúde**. *Infarma.*; 13(1/2):74-5; 2001.
- LOYOLA, F. A.; et al. **Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí**. *RevSaudePublica* ; 36(1):55-62; 2002.
- MARIN, N.; et al. Assistência farmacêutica para gerentes municipais. In: **Assistência farmacêutica para gerentes municipais**. Organização Pan-Americana da Saúde, 2003.
- MEDEIROS, R. A.; PEREIRA, V. G.; MEDEIROS, S.M. **Vigilância em saúde na enfermagem: o caso das medicações sem prescrição em crianças**. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v.15 n. 2 Abr./Jun., 2011.
- MUSSOLIN, N. M.; **A automedicação: um estudo entre universitários de enfermagem e de relações públicas** [dissertação]. São Paulo (SP): Secretaria da Saúde. Coordenação dos Institutos de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Ciências; 2004.
- NARLOCH, L.; et al. **Automedicação entre os acadêmicos da UFSC**. In: *4ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão* [anais na internet] Set 22-25; Florianópolis, Brasil; 2004.
- OGAWA, A.; et al. **Estudo comparativo sobre automedicação em estudantes do segundo ano de enfermagem e medicina e moradores do bairro Vila Nova**. *Espaço Saude* [periódico na internet]. [acessado 2011 jul 18]; 3(2):[13 p];2001

OLIVEIRA, A. L. M.; PELÓGIA, N. C. C. **Cefaleia como principal causa de automedicação entre os profissionais da saúde não prescritores.** Rev. Dor, São Paulo, v.12, n. 2 Abr./Jun., 2011.

PENNA, A.B.; et al. **Análise da Prática da Automedicação em Universitários do Campus Magnus - Unipac – Barbacena, MG.** In: *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*[anais na internet] Set 12-15; Belo Horizonte, Brasil [acessado 2011 jul 18]; 2004

PFAFFNBACH, G. **Automedicação em crianças: um problema de saúde pública.** Rev. paul. pediatr., São Paulo, v. 28, n. 3, Set., 2010.

SANTOS, B. et al. **Incidência da Automedicação em Graduandos de Enfermagem.** J healthSci Inst,;30(2):156-60; 2012.

SILVA, F.M.; GOULART, F.C.; LAZARINI, C. **Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem.** Revista Eletrônica de Enfermagem, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 644-51, set. 2014.

SOUZA L.A.F., SILVA C.D., FERRAZ G.C., FALEIROS SOUSA F.A.E., PEREIRA L.V. **Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem.** Rev. Latino-Am. Enfermagem 19(2):[07 telas] mar-abr 2011.

TOMASI, E. et al. **Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS.** *Rev Bras Epidemiol*; 10(1):66-74;2007